

FELIX PACHECO  
Da Academia Brasileira de Letras

CASA "ANISIO BRITO"  
(Arquivo Público)  
TERESINA

# Baudelaire e os milagres do poder da imaginação

Discurso pronunciado na sessão da Academia  
de 24 de Novembro de 1932, seguido das  
palavras de Aloysio de Castro e Afranio  
Peixoto.

Casa Anisio B  
Reg. 322  
Dat 23-7-15  
Arquivo Público

1697  
16/11/83

808-55-  
Bote  
Bar



Casa Anisio  
Reg. 310  
Dat 15-06-74  
Arquivo Público

1252  
Pá  
808-55  
P 165  
ecf

CASA ANISIO BRITO  
ARQUIVO PÚBLICO  
23-6-79

RIO DE JANEIRO  
1933

CASA "OSÍRIO BRITO"  
(Biblioteca Pública)  
TERESINA

EXEMPLAR IMPRESSO ESPECIALMENTE PARA A  
BIBLIOTHECA PUBLICA DE THEREZINA

Mystérieuse faculté que cette reine des facultés! Elle touche à toutes les autres; elle les excite, elle les envoie au combat. Elle leur ressemble quelquefois au point de se confondre avec elles, et cependant elle est toujours bien elle même, et les hommes qu'elle n'agite pas sont facilement reconnaissables à je ne sais quelle malédiction qui dessèche leurs productions comme le figuier de l'Évangile.

CHARLES BAUDELAIRE — *Les curiosités esthétiques* — Salon de 1859, cap. III — *La reine des facultés*.



Sr. Presidente:

O nosso eminente collega Professor Afranio Peixoto pronunciou sabbado, na collação de grau aos novos bachareis em direito, um discurso de paranympo, que é, a todos os respeitos, uma peça notavel de apreciação e critica social do momento brasileiro.

Algumas das affirmações dessa oração poderão talvez ser discutidas ou contestadas; mas nada empanará o sereno poder de argumentação, a belleza da forma, a profusão de idéas altas, a opportunidade dos conceitos, o valor dos ensinamentos que esse documento encerra.

Nem por pronunciada noutro recinto e noutro character, deixa a fala de ser de um academico, e dos que mais honram, pelo seu talento e pela sua cultura, esta companhia.

O *Recueil des Discours* da Academia Franceza, cuja collecção possuimos lá em cima na bibliotheca por offerta gentil do nosso saudoso collega Embaixador Domicio da Gama, não insere só os discursos de recepção; todas e quaesquer outras grandes orações de circumstancia, pronunciadas por membros da Academia, ainda que não fossem ditas *sous la coupole*, entram para a collectanea da casa, e figuram no volume official.

O discurso de Afranio a que me refiro, se o não registrassemos, faria mais tarde uma falta enorme ao nosso archivo.

Requeiro por isso a V. Ex. que consulte aos collegas se approvam que esse formoso requisitorio de idealismo seja inserido, em nossa *Revista*, como tanto merece. (\*)

Peço ao mesmo tempo venia para, ao redor delle e a proposito delle, tecer algumas considerações no terreno da arte pura.

No admiravel e extenso artigo com que Medeiros e Albuquerque apreciou, no *Jornal do Commercio*, em Fevereiro de 1928, a formosissima conferencia de Aloysio de Castro *A expressão sentimental na musica de Chopin*, artigo e conferencia em que os nossos dois eminentes collegas sobem a uma grande altura da critica de pensamento e de ex-

---

(\*) A Academia Brasileira de Lettras approvou unanimemente essa proposta. O discurso de Afranio Peixoto sahiu publicado integralmente no numero 133 da *Revista* (Janeiro de 1933).

pressão, ha uma passagem que toca de perto aos interpretadores e que vale a pena ser recordada.

Quem traduziu melhor o genio profundo e alado do maravilhoso artista que compoz a *Ultima Valsa* ?

A resposta a esta pergunta parece facil, e, no emtanto, é difficilima.

Ahi, necessariamente, entra em jogo a equação pessoal de cada virtuose, e não se sabe nunca se, na execução, fica respeitado o pensamento musical do autor.

As notas são, nem poderiam deixar de ser, as mesmas; a clave e o compasso, é claro, não mudaram; as marcações do original continuam rigorosamente inscriptas na folha impressa.

Mas, dentro de tudo isso, que é visual e mecanico, a chamma creadora não se transmite sempre identica na successão

do tempo e das pessoas, e um mundo colossal de matizes complexos e diferentes se interpõe entre a febre originária personalíssima, de que nasceu o prodígio, e a variedade infinita das emoções recebidas depois pelos outros, que lhe buscarem penetrar o milagre estupendo da sonoridade.

Essa é a parte immaterial divina de toda grande obra d'arte, e quem quer que pretenda depois interferir nesse ponto, parece, de algum modo, que se aventura a uma tarefa que antes convinha fosse defesa a todos e ficasse perpetuamente constituindo um privilegio exclusivo do compositor.

Acontece, porém, que é a própria gloria excelsa do genio quem mais reclama, no dobrar dos annos, a luminosa dilatação do renome immortal truncado pela morte.

E quem logrará fugir ao tremendo poder de attracção das estrellas e dos sóes, que um dia tomaram, aqui em baixo, a forma corporea, para cantar e dizer dos mysterios da vida, e se foram depois, deixando atraz de si o rastro incomparavel, signal inequivoco da eternidade da belleza neste mundo aparentemente secundario e transitorio, mas parcella tambem, elle proprio, do inaudito milagre de unidade e de harmonia que regula do modo mais preciso e mais seguro o movimento das espheras no espaço?

A ausencia de echo ou de repercussões nesse terreno é que seria positivamente um absurdo. Todos nós andamos cheios das resonancias augustas que têm elevado ao mais alto grau as condições intrinsecas da especie. E nada mais natural do que o apego que os que amam a arte manifestem pelo tra-

balho de sonho desses ousados pergureiros dos pequenos rebanhos de escol perdidos na brancura insondavel do mysterio.

Varia a execucao pianistica dos que tocam Chopin?

Sim, varia, fora impossivel que nao variasse.

Que importa, por em, isso, se e sempre elle, o grande consolador, que esta presente, atraves da variedade sem fim da interpretao alheia?

E que beneficios a nossa alma no prolongamento desses sons eternos, pelos tempos em fora!

Medeiros e severissimo quando afirma que, em vez de interpretes, se deveria dizer *falsificadores*.

Alias o proprio Medeiros logo a seguir se corrige a si mesmo, quando con-

testa o conceito feroz com que Anatole fulminava os traductores.

As phrases de France eram estas:

“Ha bellas traducções. O que não ha são traducções fieis. Que me importa que admirem meus livros, pois que é o que ahí poem que elles admiram? Cada leitor substitue suas visões ás nossas. Nós lhes fornecemos apenas com que exaltem a imaginação. E' horrivel dar pasto a semelhantes exercicios. É uma profissão infame”.

Anatole deve estar certo.

Mas parece que anda com igual acerto Medeiros, quando o contradicta, dizendo:

“Anatole France exaggerava um pouco. As palavras sempre têm um sentido mais ou menos exacto, que se pode traduzir, sem ficar muito longe de que o

autor quiz dizer, embora nunca tambem se chegue á fidelidade perfeita”.

Afranio, que acaba de proferir um memoravel discurso aos novos bachareis, frisando que o nosso mal é a falta de imaginação, que nos leva a copiar atabalhoadamente o que é dos outros, constitue, elle proprio, um desmentido vivo a esse seu conceito, que aliás não emittiu sem limitações.

De facto, nenhuma imaginação tem trabalhado mais, nem melhor que a sua, no nosso meio rudimentar de copistas apressados e canhestros. Pode-se, a tal proposito, affirmar que quem falou, na occasião, foi o publicista e parlamentar de *Martha e Maria*, e não o fecundo e fulgurante romancista, pois com o generalizar tão amplamente, como fez, a sua observação, talvez tivesse ido mais longe do que devia e do que queria, derivando

da litteratura para a apreciação do phenomeno politico, que é outra cousa.

Nem creio, por Bedier, e por Tristão e por Iseu, nem pela legenda de ouro do par imperecível, que o admiravel traductor portuguez desse primor endossasse o juizo severo de Anatole, tão vantajosamente contestado por Medeiros.

O excesso de imaginação é, realmente, o beneficio mais redemptor que existe para o homem neste valle minusculo em que andamos.

Se nos tem faltado a nós essa grande força creadora autonoma, no terreno prosaico da organização politica e administrativa, na verdade deploravel, que nos atrophia, não nos haverá felizmente minguido até hoje o precioso attributo no bello campo, que aqui lavramos, da arte e da litteratura.

E não ha mal nenhum que, neste ultimo sector, augmentemos as nossas riquezas com as de alheias letras, que nos tragam os contingentes de reforço que possamos empregar tambem aqui, em portuguez do Brasil, no serviço da Belleza.

A tarefa supponho que até se enquadra ás mil maravilhas nos fins e objectivos da Academia, que é, pela sua propria natureza, uma grande propulsora de sonho dentro da formosura da lingua falada pelo nosso povo.

Se o nosso mal, como disse Afranio, é a falta de imaginação, cultivemos afinadamente, não o referido mal, como andamos a fazer com impenitencia no terra-aterra da politica, mas o remedio, de que já largamente nos habituamos a usar na litteratura.

Esta, e não aquella, é quem imprime á nação os traços capitaes de sua feição cultural.

É na imaginação, e pela imaginação, que o espirito se liberta e se purifica para os altos empreendimentos da vontade e do saber.

“C’est l’imagination qui a enseigné à l’homme le sens moral de la couleur, du contour, du son et du parfum. Elle a créé, au commencement du monde, l’analogie et la métaphore. Elle décompose toute la création, et, avec les matériaux amassés et disposés suivant des règles dont on ne peut trouver l’origine que dans le plus profond de l’âme, elle crée un monde nouveau, elle produit la sensation du neuf. Comme elle a créé le monde (on peut bien dire cela, je crois, même dans un sens religieux), il est juste qu’elle le gouverne. Qui dit-on d’un guerrier sans

imagination? Qu'il peut faire un excellent soldat, mais que, s'il commande des armées, il ne fera pas de conquêtes. Le cas peut se comparer à celui d'un poète ou d'un romancier qui enlèverait à l'imagination le commandement des facultés pour le donner, par exemple, à la connaissance de la langue ou à l'observation des faits. Que dit-on d'un diplomate sans imagination? Qu'il peut très bien connaître l'histoire des traités et des alliances dans le passé, mais qu'il ne devinera pas les traités et les alliances contenues dans l'avenir. D'un savant sans imagination? Qu'il a appris tout ce qui, ayant été enseigné, pouvait être appris, mais qu'il ne trouvera pas les lois non encore devinées. L'imagination est la reine du vrai et le possible est une des provinces du vrai. Elle est positivement apparentée avec l'infini. . . . .

Enfin, elle joue un rôle puissant même dans la morale; car, permettez-moi d'aller jusque-là, qu'est-ce que la vertu sans imagination? Autant dire la vertu sans la pitié, la vertu sans le ciel; quelque chose de dur, de cruel, de stérilisant, qui, dans certains pays, est devenue la bigoterie, et dans certains autres le protestantisme."

Não ha melhoria que vingue, se não a alicerça o ideal, unica força proficua e veraz que se conhece de ascensão e de progresso.

Amemos portanto a imaginação, como fundamento essencial da propria vida, e em testemunho seguro do nosso veheamente desejo de subir e de vencer.

Quem não sonha não edifica, ou edifica mal, e arma o seu tecto sobre as areias instaveis, em vez de levantá-lo na

rocha viva e immorredoura da illusão, que nunca erra nos seus extravios apparentes, nem jamais patinha nos charcos, pois drena até mesmo os paues, e pode cobrir de flôres e tornar saudaveis as peores e mais infectas baixadas.

Olhae o espectaculo de confusão que vae pelo mundo, neste acceso crepitar de reformas sem norte que por toda parte se observa.

Olhae, depois, para a França, onde fomos copiar o modelo de nosso gremio, abrigado hoje numa offerta gentil della mesma, reproducção do *Petit Trianon*, um pedaço de Versailles no Rio, um bocicado de sonho de grande nação transportado para a beira da nossa encantada bahia.

Que espectaculo differente o do momento actual da França, comparado ao dos outros paizes?

E diferente sob todos os aspectos, desde o economico e o politico, até o social e litterario.

Não ha, ali, as sacudidelas allucinadas que, nesta hora, ainda cheia de apprehensões tão graves, entraram a sobejar no universo inteiro, e já estão tambem sobrando demais aqui, onde ninguem negará que se introduziram um pouco ao geito de artificio ou imitação.

Todos, por essas patrias em fóra, ambicionam e querem o poder. Em França, o proprio Afranio accentúa, e muito bem, ainda ha quem o recuse pela convicção de que lhe não chegou por emquanto a vez, sempre facilmente apressavel na maioria das nações, pela via dos cambalachos, que Leão Blum continúa recusando com elevação.

E qual é, no fim de contas, o segredo desse inegalavel espirito de equilibrio



daquella nobre terra, leader de todas as outras do nosso grande grupo latino?

A força do sonho, o poder da imaginação, o sentimento da arte, que não se vexa de vêr um primeiro ministro interromper os seus pesados labores para escrever um livro sobre um musico immortal, ou visitar uma ilha que um grande genio habitou.

Quando a nossa politica nos der cousa que se pareça com um Herriot, ou um Barthou, que não se vexe de discretear *Autour de Baudelaire*, respiraremos melhor, fóra dos erros da falta de imaginação.

É por esses caminhos largos e claros, sem pedrouços e sem viezes, que teremos de seguir, se não quizermos vêr o nosso Brasil afundar-se na perpetuidade oscilante das soluções de emergencia, ou cahir no prosaismo anarchico de todas as

desordens sem fito certo e sem mira definida e alta.

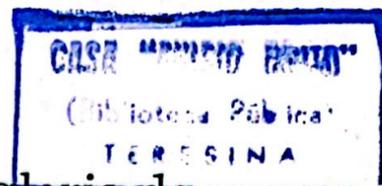
Mas a que vêm todas estas reflexões?

A nada.

Acudiram-me todavia espontaneamente ao espirito, quando eu terminava a leitura do bello discurso de Afranio, e regressava á amena fadiga que estou tendo com a traducção de alguns trechos da poesia insuperavel de Baudelaire.

Baudelaire é exactamente quem Afranio cita, ao lado de Shelley, para reaffirmar o prestigio omnipotente da imaginação no desdobramento do progresso cultural dos povos. Chega, assim, a calhar, o seu grande nome, para centro e motivo das annotações que estou fazendo e que espero não aberrem da singeleza habitual das nossas tertulias das quintas.

Não foi justo para com a nossa poesia, nessa passagem de sua magnifica



oração, o pregoeiro ardente da glória de Castro Alves, como o não foi para com os nossos romancistas, contando-os, avaramente, pelos dedos.

Castro Alves, como Luiz Delfino, como Alberto de Oliveira, e tantos, e tantos, sempre possuiu aquillo que Afranio chama, com inteira propriedade, “a flamma interior, a imaginação, que é a alma divina da poesia”. Em todos esses que acabo de citar, como em muitos outros, continúa “aquella resonancia íntima e profunda”, aquella “commoção demorada”, “ainda quando as palavras, e o rythmo e a rima passaram”.

Podemos ser e talvez sejamos realmente indigentes de imaginação, noutras cousas, sim, mas não na arte.

E ainda que ahí coubesse o reparo, não caberia tanto que lhe não pudesse-

mos oppor, ao menos em parte, uma objecção, mostrando como prezamos a secreta força omnimoda, estadeada com tamanho brilho em outras literaturas mais velhas e mais trabalhadas do que a nossa, notadamente a de França, que é aquella com que temos mais contactos.

O proprio Afranio nos explica o que foi que o decidiu a metter hombros á traducção de *Tristão e Iseu*:

“Foi quando li, de André Gide, pagina suggestiva. Cada escriptor se deveria obrigar a transpor, piedosamente, uma obra prima forasteira para a propria lingua, a um tempo enriquecendo o patrimonio de sua grey e honrando grande engenho estrangeiro, com uma versão digna delle. Porque serão industria somente as traducções, e não obras de consciencia e gosto litterario?”

Nunca será demais que se repita esse convite do nosso querido collega á imaginação dos escriptores do Brasil.

Não excluo da chamada os poetas, pedindo mesmo venia para accentuar que, no mundo dos rythmos, a difficuldade de traduzir é muitissimo maior que no correntio da prosa sem musica obrigada.

E, pois que o nosso querido confrade citou Baudelaire, desculpará que acuda desde logo ao seu appelo.

Já publiquei, vertidos para o nosso idioma e devidamente commentados, alguns dos melhores sonetos do admiravel e estranho artista, do qual se poderia dizer com muito mais propriedade do que elle disse de Bainville:

“Vous avez empoigné les crins de la déesse  
Avec un tel poignet, qu'on vous eût pris, à voir  
Et cet air de maîtrise et ce beau nonchaloir,  
Par un jeune ruffian terrassant sa maîtresse”.

O immoralismo da allegoria contida nessa quadra é, como todo o immoralismo de Baudelaire, mais aparente do que real.

Ninguém sorria da affirmativa.

Jámais houve, no amago, espirito tão profundamente religioso como esse. A sua vida e a sua obra têm sido esmiuçadas de alto abaixo da maneira mais exhaustiva possível. E, curioso! quanto mais lhe carregam as côres na lascivia e no tumulto satânico, tanto mais cresce, apesar disso, a gloria do burilador insigne!

É que o seu idealismo translucido supera todas as impurezas, e paira sempre, na idéa e na fórmula, acima dos mares de lama e das visões de erotismo anômalo, que, á primeira vista, dir-se-hia lhe houvessem turvado a existencia na desolação de todos os vícios.

Nunca é demais conversar-se na intimidade com um espirito desse estofo, despil-o de suas exquisitices e defeitos, e olhar bem dentro de sua alma, e vêr o que ha lá no fundo, como pensamento guiador e norma do coração e da intelligencia.

Trago hoje á Academia as primicias de duas novas traducções, *Elévation* e *Correspondances*.

São talvez, na obra poetica de Baudelaire, os trechos em que a sua lyra sobe mais alto.

Essa obra, que foi o maior prodigio do verso na França do seculo XIX, e ligou, como uma ponte de ouro, o romantismo ao symbolismo, através do movimento parnasiano, está, hoje, no zenith da gloria. As reedições, commentadas ou não, do grande artista succedem-se com accentuada frequencia. Ainda agora, o

exemplo do livreiro Conard está tendo uma porção de seguidores. O numero de 4 de Novembro da *Bibliographie de la France* registra uma nova reimpressão pela casa Calman Levy, destacando-se na serie o volume integral das *Lettres á sa mère*, ao mesmo tempo que as edições Nilsson encetam com as *Aventuras de Gordon Pym* uma tiragem de luxo das obras primas do grande poeta.

E os bibliophilos vão disputando já a peso de ouro os exemplares das primeiras edições. O ultimo catalogo da Livraria Meynial, que acaba de se transferir da sua antiga séde no boulevard Haussmann para a rua Helder, marca, para um volume das *Flôres do Mal*, de 1857, nada menos de 2.200 francos. E não se cóta por menos um exemplar annuciado no seu derradeiro boletim pelo antiquario Nourry.

Mas digamos algo de *Élévation* e *Correspondances*, que ocupam, respectivamente, nas *Flôres do Mal*, o terceiro e o quarto lugar da edição definitiva, vindo logo depois de *Bénédiction* e *L'Albatros*.

Baudelaire esboçou nessas duas produções um rumo de arte que tinha de vir a constituir mais tarde a propria essencia do programma da escola symbolista.

Ninguem pode procurar outra origem para o aneio de fixar o novo e decifrar o invisivel, que caracterizou toda uma geração, e passou de Rimbaud, e Verlaine, e Mæterlinck, ainda hoje se prolongando um pouco nas extravagancias do modernismo, por mais que este negue e não queira crer nisso, obcecado que ainda está pelo estrepito da machina, o alarido da guerra, a ousadia dos arranha-céos e tanta cousa mais do tumulto de *Les Villes*

*Tentaculaires*, e *Les campagnes hallucinées*, que o belga Verhaeren tão bem pintou e tanta gente pittorescamente deforma, na deliciosa persuasão de que está fazendo obra nova com a cubagem incubada de seu cubico cubismo cubo-cubo.

Cruz e Souza, encabeçou aqui no Brasil um movimento analogo, e alguma cousa por força ha de ter restado do esforço extravasante desse grande orchestrador da rima.

Em *Correspondances* palpita vivo o germen dessa nova concepção de arte.

Baudelaire não era só um poeta. Poucos conheciam tão bem como elle a musica, a pintura e a esculptura.

O thema de que se trata, elle o versou igualmente em prosa, no capitulo *Richard Wagner et Tannhauser*, incluindo mesmo ahi as duas quadras do soneto famoso.

Tambem nas *Curiosités Esthétiques* voltou ao assumpto, no 1º e 3º capitulos

da parte referente á Exposição Universal de 1857.

São delle proprio estas palavras:

“J’ignore si quelque analogiste a établi solidement une gamme complète des couleurs et des sentiments, mais je me rappelle un passage d’Hoffmann qui exprime parfaitement mon idée, et qui plaira á tous ceux qui aiment sincèrement la nature:

“Ce n’est pas seulement en rêve, et dans le léger délire qui précède le sommeil, c’est encore éveillé, lorsque j’entends de la musique, que je trouve une analogie et une réunion intime entre les couleurs, les sons et les parfums. Il me semble que toutes ces choses ont été engendrées par un même rayon de lumière, et qu’elles doivent se réunir dans un merveilleux concert. L’odeur des soucis bruns et rouges produit surtout un effet magique sur ma personne. Elle me fait tomber dans une profonde rêverie, et j’en-

tends alors comme dans le lointain les sons graves et profonds du hautbois". (Kreisleriana).

No seu trabalho — *Méthode de critique — De l'idée moderne appliquée aux beaux-arts — Déplacements de la vitalité* — Baudelaire se estende ainda mais sobre o assumpto. É um capítulo philosophico, esse, de larga envergadura, e ahi o genio infortunado revela agudissimo aquillo que se poderia chamar o alto senso da intuição generalizada, olhando de dentro para o espectáculo inteiro do Universo, homens e nações, e astros e cousas, e descobrindo por toda parte um magnifico sentido de unidade, principal razão de ser da vida, na complexidade de todos os seus infinitos desdobramentos. Baudelaire está todo inteiro nesse ensaio, que termina pela apreciação das télas de Delacroix, a quem consagrara uma quadra estupenda na longa poesia *Les*

*Phares*, que é outro soberbo esforço de ligação do mundo genial dos coloristas ao resto da vida physica e moral da terra e dos céos.

Essa percepção nova do cosmos principiava então a tomar corpo, e nas *Histoires émouvantes* de Charles Barbara, edição Michel Levy, 1857, já o preceito se define tão nitidamente como em Baudelaire, se é que este não tinha igualmente presente, ao escrever a primeira estrophe do soneto *Correspondances*, os versos de Pöe, citados por Crepet nas suas *Notes et Éclaircissements* das *Flôres do Mal*.

All Nature speaks, and ev'n ideal things

Flap shadowy sounds from visionary wings.

Mas basta de divagações. Vou lêr, para terminar, o original de *Élévation* e de *Correspondances* e a traducção que fiz, decerto imperfeitissima, dessas duas producções de Baudelaire.

## ÉLÉVATION

Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées,  
Des montagnes, des bois, des nuages, des mers,  
Par delà le soleil, par delà les éthers,  
Par delà les confins des sphères étoilées,

Mon esprit, tu te meus avec agilité,  
Et, comme un bon nageur qui se pâme dans l'onde,  
Tu sillonnes gaîment l'immensité profonde  
Avec une indicible et mâle volupté.

Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides;  
Va te purifier dans l'air supérieur,  
Et bois, comme une pure et divine liqueur,  
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.

Derrière les ennuis et les vastes chagrins  
Qui chargent de leur poids l'existence brumeuse,  
Heureux celui qui peut d'une aile vigoureuse  
S'élancer vers les champs lumineux et sereins!

Celui dont les penses, comme des alouettes,  
Vers les cieus le matin prennent un libre essor,  
— Qui plane sur la vie et comprend sans effort  
Le langage des fleurs et des choses muettes!

## SUBLIMAÇÃO

Dos lagos por em cima, e por de cima aos montes,  
Sobre as nuvens do céu, e o valle, e o bosque, e os mares,  
Lá para além do sol e para além dos ares,  
Para além dos confins dos astros e horizontes,

Tu te moves, minh'alma, e segues á vontade,  
Como o bom nadador na vaga que o circumda,  
Sulcando alegremente a immensidão profunda,  
Com mascula volupia e estranha agilidade.

Sobe longe daqui destes miasmas doentios!  
Vae-te purificar pelo ether superior,  
E beber, como um puro e divino licor,  
O claro fogo que enche os espaços sadios!

Feliz quem deixa atrás o tédio e as duras penas,  
Cujo fardo atropéla a existencia enganosa.

E subir, e subir, com asa vigorosa,  
A's campinas de luz das regiões serenas!

E, como a cotovia, aos primeiros albores,  
Galgar com o pensamento o azul, num vôo augusto,  
E planar sobre a vida, e comprehender sem custo  
As vozes da materia e a linguagem das flôres!

## CORRESPONDANCES

La Nature est un temple où de vivants piliers  
Laissent parfois sortir de confuses paroles;  
L'homme y passe à travers des forêts de symboles  
Qui l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent  
Dans une ténébreuse et profonde unité,  
Vaste comme la nuit et comme la clarté,  
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,  
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,  
— Et d'autres, corrompus, riches et triomphants,

Ayant l'expansion des choses infinies,  
Comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,  
Qui chantent les transports de l'esprit et des sens.

## CORRESPONDENCIAS

A natureza é um templo, onde pilastras vivas  
Manam de quando em vez o confuso segredo.  
Em cada canto, ahi, um symbolo do enredo  
Tem para todos nós miradas comprehensivas.

E é tudo um echo só ás vozes dispersivas.  
Ferve por toda parte a unidade em levedo.  
A mesma a noute vasta e a luz clara e sem medo.  
E o aroma, e a côr e o som — simples alternativas.

Ha cheiros com o frescor da carne das crianças,  
E suaves como oboés, e verdes como franças,  
E outros, de corrupção, e ricos, e subidos.

No amplo expandir subtil de materia sem fim,  
Como o ambar, como o incenso, e o almiscar, e o benjoim,  
Cantando os vãos d'alma e a febre dos sentidos!

**PALAVRAS DE ALOYSIO DE CASTRO**

“Na formosa oração que acaba de pronunciar, o nosso illustre confrade Sr. Felix Pacheco referiu-se nominalmente a Medeiros e Albuquerque, Afranio Peixoto e a mim, chamando-nos gentilmente á fala, a proposito dos problemas de esthetica que tão superiormente versou. Agradecendo-lhe ter recordado conceitos que emitti ha tempos sobre a funcção do interprete na execução da obra musical, com prazer me prevaleço deste lanço (se me for licito usar da palavra sem estar inscripto), para reaffirmar, em curto improviso, idéas que me são caras.

Sou dos que pensam que em qualquer manifestação de arte a interpretação é

por si mesma uma criação. Tratando-se de verdadeiro artista, a execução instrumental ou vocal de texto musical não representa meramente a fria e incolor tradução mecânica do original escrito, e este, por mais longe que leve na pauta as indicações de sonoridade e ritmo, nunca chegará a constituir um padrão rigorosamente fixo e insusceptível de variantes, trazidas pelo executor-interpretante. Podem, é certo, tais variações, nas múltiplas gradações da sua subtilidade, escapar ao ouvinte pouco sensível, a uma análise por maior, nunca ao auditor artista, a um exame por menor.

Porventura o próprio compositor conseguirá executar no instrumento, mais de uma vez da mesma forma, por modo em tudo rigorosamente idêntico, a obra por elle criada? Certamente não. Interpretante da própria obra, o autor de

cada vez como a está criando de novo. Só o disco na machina reproduz uniformemente a interpretação fixada e gravada. Assim, pois, como o poeta hindú tão bellamente disse “Não se vê duas vezes a mesma miragem”, eu por mim direi: não se escuta duas vezes a mesma harmonia.

Cada minuto, tem a sua vida, o tempo palpita como a luz das estrellas, e em cada um delles nossa alma é diversa. Assim, em cada momento varia a reproducção artistica de sentimento. Ella muda com a natureza do instrumento que se toca, com a alma de quem o vibra, sobretudo em se tratando do piano, cuja arte é tão profundamente pessoal e humana. O simples modo de desferir um accorde de tal forma individualiza o som, que pode, sem mais, dar a reconhecer quem toca. Dir-se-hia que o instrumento tem tambem sua alma, com a sua vida de cada minuto, por

que nos não responde duas vezes pela mesma forma. Ella vibra com o coração do artista executante. E quantas circumstancias actuam neste ultimo! A disposição do espirito, o local, a hora, a luz, o auditorio... Uma coisa é tocar num salão, outra num theatro, uma em presença de ouvintes (e quantas especies destes), outra no extase da solidão...

Mil factores intervêm, pois, diversamente, na execução musical, que é afinal uma resultante psychologica extremamente complexa. Dessa interpretação, da força da sua expressividade, é que resulta, através do poder suggestivo da musica, o mundo das impressões subjectivas com que ella nos eleva e nos commove, como nenhuma outra arte.

Uma composição musical (e o mesmo se applica a outros ramos de arte) póde, assim, respeitados os limites naturaes

impostos pela fidelidade ao texto escrito, se nos representar com grandes diferenças, consoante o interprete que a traduza. E, ainda mais, até o mesmo artista, pode vir a mudar com os annos o modo de interpretar a mesma peça. Quão mais bello me pareceu o Chopin do Brailowsky, que conhecemos annos atraz, nas suas estréas romanticas, do que o que actualmente nos apresenta esse grande pianista, depois que preferiu a escola da força e da velocidade, quasi ia dizendo do barulho!

Em summa, que na interpretação artistica ha sempre uma grande parte de collaboração, que ao autor traz o executante — a interpretação é de certo modo criação.

Isso por certo, e com analogos fundamentos, se poderia applicar ao trabalho da traducção literaria. Por muitas for-

mas se póde dizer a mesma coisa. Mas aquelle que, ao traduzir, procura, fiel ao texto, dar-lhe noutro idioma o toque da belleza, esse está por sua vez criando, só com isso, novos valores da emoção esthetica.

E o que certamente estamos todos a sentir agora, acabando de ouvir a musica de Baudelaire nas bellas sonoridades que lhe deu a lyra de ouro do nosso Felix Pacheco.”

RESPOSTA E AGRADECIMENTO DE  
AFRANIO PEIXOTO

O Sr. Afranio Peixoto, respondendo ao Sr. Felix Pacheco, “affirma que está altamente recompensado das fadigas de um discurso publico pelas palavras generosas de seu confrade, cujos conceitos são condecorações. Ainda aos Srs. Felix Pacheco e Aloysio de Castro diz o orador que certamente o interprete é um criador. Não se poderia falar de um actor ou actriz geniaes se não fosse assim. Diz-se até que o “Lorenzacio” de Musset foi criado por Sára Bernhard e a “Gioconda” de d’Annunzio é criação da Duse. O traductor é tambem criador, em outra lingua, e ás vezes criador “verdadeiro” da obra de seu interpretado. Sem deixar Baudelaire, que seria de Edgar Pöe se não

tivera por interprete latino e na Europa a seu genial traductor, maior que o traduzido? O Pöe, que nós conhecemos, não é só poeta americano que teria gloria restricta e justa, mas um poeta universal a que Baudelaire deu a resonancia e a profundidade de sua interpretação. A interpretação cria, como a traducção dá originalidade, se são dignos da obra, e se o outro artista é continuador da obra de arte, prolongando a criação”.

A IMPRESSÃO TERMINOU AOS OITO DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E TRINTA E TRES, NAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS DO "JORNAL DO COMMERCIO", SENDO A TIRAGEM LIMITADA A TREZENTOS E CINCOENTA EXEMPLARES, DOS QUAES CENTO E CINCOENTA EM PAPEL "CONGRESSO BOND".